



# O teatro da existência e da resistência: A velhice em *Passagens*, de Teolinda Gersão

The theater of the existence and resistance:  
Old age in *Passagens* by Teolinda Gersão

Ana Carolina Caretti  
Unesp – Araraquara

“Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo,  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.”

Carlos Drummond de Andrade

**PALAVRAS-CHAVE:** TEOLINDA GERSÃO, VELHICE, TEATRO, MORTE.

**KEYWORDS:** TEOLINDA GERSÃO, OLD AGE, THEATER, DEATH.

A temática da velhice, ainda muito voluvelmente discutida na contemporaneidade, tem suscitado reflexões que vão bastante além dos domínios da práxis. O tratamento do tema nas esferas política, econômica e moral, por exemplo, ganha pares na esfera cultural, na qual é possível notarmos a emergência de textos, obras e projetos artísticos que problematizam a senescência na sociedade atual. É certo que isso vem sendo trazido à baila em razão do número cada vez maior de velhos no cenário demográfico mundial, devido, principalmente, ao aumento da expectativa de vida, mas também é acertado dizer que não é somente o fator demográfico que sugere estas reflexões, senão o fato de o ser humano ter se dado conta de que, sob essas condições favoráveis ao avanço da idade, também ele um dia deverá fazer parte desta faixa etária envelhecida.

Se a sociedade ainda concede pouco espaço às discussões acerca da velhice, a ponto de não dar conta de responder qual o lugar reservado aos velhos, a literatura, não-lugar por excelência e enquanto local de expressão de discursos não-oficiais, faz-se terreno propício. Em *Passagens* (2014), Teolinda Gersão coloca-nos frente a esse universo da velhice e, até mais que isso, dentro da psicologia de uma senhora, Ana, em decorrência de sua morte. Somos levados a percorrer os processos mentais de alguém que, vendo-se imobilizado na cama de um lar geriátrico, opta por encenar a posse de uma doença incurável e neuro-degenerativa, o Alzheimer, para, além de outras razões, poupar seus familiares das visitas ao lar. Diz a personagem: “Não suportava que perdessem as suas vidas comigo. Simular Alzheimer foi a libertação que encontrei para eles. À falta de outra” (Gersão, 2014, p. 81). Em paralelo a isso, essa também foi a maneira encontrada por ela de manter sua autonomia mesmo estando fisicamente dependente por completo das ações dos outros: “Agora pelo menos também eu tinha alguma coisa a fazer: um papel a representar” (Gersão, 2014, p. 81).

A questão da representação, ou da encenação, é crucial, inclusive, na forma como a história nos é contada. Há um modo de escrita que nos remete ao gênero dramático, e a própria autora já afirmou em entrevistas que, embora a dimensão teatral possa ser apontada como característica de sua escrita como um todo, trata-se de sua obra mais encenada. As falas das personagens são inseridas por meio da indicação do nome, como a nos mostrar que estão mesmo entrando em cena, e a polifonia leva-nos à montagem de uma peça dividida em três atos, que são os capítulos do livro: “Ponto de encontro”, “Noite” e “A cerimônia”. No primeiro, uma voz narradora coloca-nos a par da situação inicial, em que Ana se dá conta de estar deitada em um local desconhecido, rodeada por flores, familiares e amigos, sem bem entender que o que se passava era seu próprio funeral. Logo após essa introdução, as falas passam à primeira pessoa, sendo apresentadas as outras personagens, com destaque para a filha Marta, detentora de grande parte das falas do romance. Essas vozes vão, cada uma de seu ponto de vista, introduzindo-nos em seu universo por meio de uma teia de relações, em que uma personagem vai evocando outra através de memórias, confissões e ponderações. O que se sobressai a isso é um fator comum aos ambientes em que se velam entes queridos, ou seja, lembranças afetivas que de algum modo tenham correlação com o falecido. E Teolinda conseguiu transmitir-nos o clima dessas situações de forma magistral.

A segunda parte da narrativa constitui-se de uma espécie de solilóquio póstumo da personagem, em que sua consciência (mesmo que morta) desdobra-se em *Ana 1* e *Ana 2*. Tal desdobramento remete-nos a uma conversa entre um eu e seu espírito, como se este tivesse se desprendido do corpo e ocupasse um espaço exterior e autônomo. Nesta parte,

denominada “Noite”, em que ela se encontra sozinha em seu funeral devido aos parentes terem ido descansar, passa a limpo a história de sua infância e juventude com o pai irresponsável, causador do empobrecimento da família, e de sua mãe complacente com os desígnios do marido. Ao final do capítulo, ela se redime por nunca ter lançado mão da história verdadeira, por ter transmitido às gerações mais novas uma versão fantasiada (ou teatralizada) dos fatos: “Fechámos o livro do tempo. Acertei o que queria emendar nele” (Gersão, 2014, p. 129). O último capítulo, “A cerimônia”, é a volta dos familiares e amigos aos derradeiros momentos do funeral, em que cada um deles vai tecendo seus comentários acerca da dicotomia vida/morte, seja do ponto de vista biológico, pois muitos dos que lá estavam exerciam a medicina, seja por vias metafísicas, com indagações de caráter existencial.

Os três “atos” são, portanto, o modo de dividir uma narrativa em que o conceito de teatro é chave para trilhar a obra como um todo. É por meio dele que entendemos o posicionamento crítico com relação à situação de abandono à qual são submetidos os idosos colocados em lares de assistência, as populares casas de repouso. Entende-se que se está a fazer a melhor escolha, pois que deveriam ser locais de acolhimento, mas muitas vezes não cumprem essa prerrogativa, imperando a noção de um contrato de âmbito comercial: “Mas os lares não passam de um negócio. São caríssimos e não vão além dos cuidados básicos. O resto fica a cargo da família, ou são extras, para pagar à parte. Um negócio rentável, como qualquer outro” (Gersão, 2014, p. 26). O teatro aflora por conta da imagem de proteção e amparo que querem transmitir, mas que não passa de um papel a ser representado, já que na realidade atuam de maneira fria e protocolar: “Demasiadas coisas eram só aparência, ilusão de óptica para inspeção ver, família ver, visita ver” (Gersão, 2014, p. 27). Na presença dos familiares, portanto, a encenação da dedicação torna-se mais expressiva, e os cuidados com os idosos nas instituições de repouso são representados: “Tudo quanto apregoam vai a ver-se e é falso. Anunciam fisioterapia, ginástica, passeios, terapia ocupacional, psicoterapia, mas no fim é tudo conversa fiada, igual a coisa nenhuma” (Gersão, 2014, p. 26).

A problemática criada em torno dos lares para idosos divide-se em prós e contras, com opiniões que são favoráveis à sua postura institucional por considerarem que eles se ajustam às necessidades dos gerontes e colaboram com um envelhecimento eficaz, bem-sucedido. Mas as opiniões contrárias apontam para o fato de que, nesses lares, o que impera é quase sempre a falta de afetividade, tanto dos funcionários, muitas vezes insensíveis aos residentes, quanto dos próprios idosos, tendo em vista que foram desvinculados de seus pertences, desfamiliarizados de seu universo habitual e desenraizados de seus amigos e vizinhos, o que pode levá-los a uma acelerada degeneração física e mental. São muitos os trechos de *Passagens* em que notamos estas características negativas relacionadas aos

abrigos, como os que já destacamos acima. Não se pode dizer, no entanto, que alguma bandeira é levantada em favor de um ou outro ponto de vista, mas conseguimos identificar vários tipos de tratamento que parecem ser padrões nesses locais, dentre os quais a indiferença, o abandono, a solidão e a clausura. É por meio da voz dos familiares de Ana, que registraram as histórias durante as visitas, que as vozes de alguns dos velhos são trazidas à tona. E somos colocados diante de um quadro essencialmente violento, considerando que o abandono, por exemplo, constitui-se como um ato de violência contra o idoso. Eis algumas “passagens”:

Lá dentro era um berçário com crianças monstruosas, dormindo atrás de biombos e cortinas.

As empregadas tinham um ar ausente, fatigado ou falsamente exuberante. [...]

A televisão ligada o dia inteiro, até se ficar louco. [...] E que não se calava. E que não se calava.

[...] (Gersão, 2014, p. 28)

Havia muitas mulheres abandonadas no lar, que a família quase nunca visitava. Lembro-me de uma que fazia malha nos corredores e dizia bom dia a quem passava. [...] Estava lá havia dez anos. (Gersão, 2014, p. 30)

E havia a dona Encarnação, que anteriormente vivia numa dependência na casa de uns parentes, e a quem, no meio da azáfama, se tinham esquecido de levar o almoço, num dia em que houve uma grande festa lá em casa.

Foi depois disso que ela quis ir para o lar. Mas agora estava arrependida, muito arrependida, confidenciou-me à meia voz. Mesmo que se esquecessem dela muitas vezes, sempre estava melhor do que num lar. (Gersão, 2014, p. 32)

Como já dito, dar voz a quem é costumeiramente silenciado é uma característica da literatura, e Teolinda realiza neste romance o que Ecléa Bosi assinala em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1979, p. 39): “Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da Humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele”. As palavras passam a ser, portanto, as armas desse necessário combate. Nos excertos acima destacados, encontramos exemplos de circunstâncias de descaso, como aquela em que os televisores são utilizados para cumprir o papel de companhias aos idosos. E o trecho ressalta a gravidade da situação com a repetição da frase “e que não se calava”, o que, além de enfatizar, reproduz na forma o barulho incessante do aparelho. Também a condição de uma das internas, que há anos fora colocada

no lar e esquecida pelos seus, denota a situação de abandono. E ainda a de outra que, já tendo sido esquecida quando morava com os familiares, só teve seu estado agravado. O que percebemos, por meio das vozes dos velhos, é que, mesmo estando em condições de desarrimo, quase nunca se queixam e, de uma maneira muito submissa, tentam justificar a ausência dos familiares pelas atribuições que a vida lhes exige lá fora. Talvez seja um modo de tentar abrandar a falta de interesse para consigo. A personagem do romance, embora não tenha sido abandonada pelos familiares, convenceu-se de que, a partir do momento em que não podia mais cuidar de si própria sozinha, deveria usar a dissimulação para livrá-los do fardo que advinha de suas necessidades, como observado nas falas de *Ana 2*: “Escolheste representar esse papel [Alzheimer] porque os amavas. Para que quase deixassem de te visitar” (Gersão, 2014, p. 81), e *Ana 1*: “Eu podia suportar isso e alegrava-me por não me tornar tão pesada. Eles sentiam-se livres, julgando que eu nem sequer os conhecia e me era indiferente que viessem ou não” (Gersão, 2014, p. 84).

O fingimento passa, por conseguinte, a ser o álibi de Ana, um modo dela continuar sentindo-se emancipada, de resistir e fingir a vida, que ainda não a tinha “tramado” (Gersão, 2014, p. 85). Mas o “fingir” não é uma exclusividade dessa fase de sua existência: acompanha-a há muito, desde a imagem de bem-sucedidos que seus pais propagavam à família e à sociedade, mas que não passava de simulação. O pai andava sempre garboso, com as melhores indumentárias, mas para isso sacrificava as reservas e os bens da família, e a mãe fingia que não notava, que estava tudo bem. Eis a visão de Marta sobre o avô: “mas em algum momento deveria ter-lhe ocorrido que ele não representava a família, nem abria passagem para ela. Ele apenas *representava*” (Gersão, 2014, p. 71, grifo da autora). O teatro familiar continuou até a morte do pai, que mais uma vez representou, deixando dúvidas se seu falecimento foi natural ou suicida, e o jogo com os significados do vocábulo “representava” evidencia o caráter teatral, no sentido de fingimento, imanente à família da personagem, mas que pode ser estendido a todas as famílias, enquanto instituições sociais: “Os segredos das famílias. As mentiras, as histórias falsas, que dão origem a memórias falsas” (Gersão, 2014, p. 74), isto é, o drama que se encena em um palco hereditário, no qual sentimentos muitas vezes díspares atuam lado a lado, dirigidos pelo fator familiar. Durante o “diálogo” entre as duas Anas, uma delas diz: “Viveste sempre numa peça de teatro. Os teus pais eram actores. Estava-te no sangue, foi uma herança de ambos”. Ao que a outra acrescenta:

Talvez por isso o teatro sempre me fascinou. A minha mãe vivia numa vida inventada. E também o meu pai: Acreditava que nascera diferente, que tinha o dom de ser um ganhador. [...]

Era essa a peça que ele nos encenava, com tanta convicção que quase parecia real. O pai e a mãe eram tão bons actores que se confundiam com os papéis que representavam. (Gersão, 2014, p. 127)

E a questão teatral, que está presente na forma do romance como um todo, ganha destaque justamente na conversa entre Ana 1 e Ana 2, atingindo um nível performático que nos faz imaginar uma cena na qual uma vai complementando as falas da outra, tendo em vista que, por se tratarem da mesma pessoa, são cúmplices das mesmas histórias. Graficamente, notamos as interpolações de falas pelo uso de vírgulas no final das frases, como se o discurso fosse mesmo interrompido, ou completado, como no exemplo que segue:

Ana 2

Estavas decidida a tudo, pensaste saindo da cozinha: tratá-lo mal, insultá-lo,

Ana 1

empurrá-lo pela escada abaixo, dar-lhe um pontapé como a um cão. (Gersão, 2014, p. 113)

Mesmo depois de morta, Ana continua a representar, até que enfim a peça acabe e ela seja levada por um “tapete rolante” (Gersão, 2014, p. 130), deixando que outros assumam seus lugares no palco. E o fim da peça coincide com o fim de sua vida, em que as flores que parabenizam sua atuação são as mesmas flores levadas ao seu funeral. Há aí um ápice da relação metafórica entre a vida e uma peça de teatro, pois quando uma se finda, a outra também se encerra, como se a morte fosse o abaixar das cortinas. Essa relação, muito evocada por artistas de todos os tempos, de William Shakespeare a Clarice Lispector, é primorosamente desenvolvida no romance de Teolinda Gersão, pois a simulação de Alzheimer pela personagem, por exemplo, acabou por ser tão bem feita a ponto de confundir a ela própria: “Encarnei de tal modo o papel que a certa altura tive *realmente* Alzheimer” (Gersão, 2014, p. 130, grifo da autora). E o fim da vida/atuação de Ana é marcado estruturalmente pelo término de suas falas, ao final do segundo capítulo, que conclui enunciando que “Já não iremos dizer mais nada, são agora os outros que vão entrar em palco” (Gersão, 2014, p. 130), e de fato no capítulo seguinte não há mais falas da personagem defunta, somente as personagens vivas é que ainda continuam a atuar.

*Passagens* é, portanto, uma obra que evidencia o quão teatralizadas são as instituições sociais às quais estamos vinculados ao longo da vida e, juntamente com a família, os lares para acolhida de idosos são, como já observamos, também considerados instituições nas quais as relações entre as pessoas “são puro teatro” (Gersão, 2014, p. 28). E as considerações sobre estes últimos mostram-nos o tanto que ainda não estamos preparados

para lidar com a velhice, seja a nossa ou a de outras pessoas. De acordo com António, primeiro marido de Marta, “cada vez há menos nascimentos, o mundo não é um bom lugar para crianças” (Gersão, 2014, p. 44), e a queda na natalidade culmina também em uma população cada vez mais envelhecida. Mas se o envelhecimento é uma realidade, porque ainda há tanta parcimônia e recusa com relação a ele? No próprio romance há uma chave para esta indagação: “A velhice e o sofrimento são contagiantes” (Gersão, 2014, p. 150), diz Madalena, uma das familiares presentes no velório. E talvez por isso seja tão custoso conviver com os velhos, pois nos colocam frente ao que, possivelmente, também seremos um dia. Segundo Jaime Luiz de Souza,

A velhice do Outro se torna uma lembrança antecipada da própria velhice, e o contato com a pessoa idosa abala as fantasias defensivas que são construídas como muralha contra a ideia de sua própria velhice. Por trás da necessidade obsessiva de acreditar na eterna juventude e rejeitar a face da velhice, encontra-se um certo desejo inconsciente de fugir à inexorabilidade das leis da natureza. (Souza, 2003, p. 01)

O ser idoso revela as potenciais fraquezas a que estaremos submetidos, o que causa um afastamento por parte de quem não deseja encarar essa realidade inelutável. Há um desconforto em imaginar-se velho, muitas vezes dependente do auxílio de terceiros para a realização de atividades básicas e quase sempre portando debilidades e doenças inerentes à idade avançada. Mais que isso, a perspectiva da morte – que nos acompanha durante toda a vida, mas que se intensifica na velhice – é um fator que causa ainda mais incômodo e repulsa, porque vinculamos a finitude a essa etapa e percebemos que se trata de uma exigência da condição humana. De acordo com Neiza Teixeira (2006), “a velhice impõe a companhia da morte e este pode ser um dos motivos pelos quais ela é abordada com receios”, ou seja, ao lado da velhice “a morte nos sorri” e mostra que “no combate que desde sempre travamos ela triunfa”. E é por isso que, como bem assinalado na narrativa de Teolinda, a velhice é “contagante”, pois, embora queiramos negar o reconhecimento no outro, este reconhecimento existe. Como diz Rosinha, a filha postiça de Ana:

A tentação, sempre repetida, de quase abandoná-las [às mães] e só aparecer de vez em quando, porque a sua doença, o seu declínio, a sua depressão nos contagia, a sua imagem é a nossa própria, no espelho do tempo, e estar ao seu lado é repetitivo e triste, porque é a nossa morte que encontramos nelas. (Gersão, 2014, p. 181)

Estar ao lado de algum familiar idoso (no caso do romance, da própria mãe), que já perdeu o vigor da idade, é estar defronte a um espelho que reflete a decadência e a morte, sobretudo em uma sociedade de consumo que idolatra as aparências, e estas relacionam a beleza com a juventude, com o que é novo e produtivo, e reserva para o velho uma conotação depreciativa, desprezível e estorvadora. Ao mesmo tempo em que a medicina busca meios de prolongar a vida na velhice, a indústria cosmética procura estender os aspectos da juventude. Esse paradoxo não é fácil de ser assimilado e, segundo Malu Fontes (2006, p. 01), são dois discursos altamente conflitantes.

De acordo com Isa Severino (2005, p. 77), a velhice é um tema ainda pouco recorrente na literatura portuguesa e, conforme já destacamos, também o é na sociedade. Contudo, *Passagens* não é a primeira obra em que Teolinda Gersão aborda esse universo. Encontramos a senescência como tema crucial em outras narrativas da autora, como no conto “A velha”, presente em *Histórias de ver e andar* (2002), e nos contos “As tardes de um viúvo aposentado” e “Avó e neto contra vento e areia”, de *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias* (2013), por exemplo. Em entrevista concedida à revista *Focussocial*, em decorrência do dossiê dedicado ao Ano Europeu de Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações (2012), Teolinda tece diversos comentários acerca das abordagens sobre a velhice em seus contos, e salienta que, embora algumas vezes suas opiniões não coincidam com as das personagens, os problemas estão aí e as respostas sociais para eles não existem.

Em “A velha”, há um olhar irônico sobre a aparente felicidade que a personagem insiste em afirmar, e o próprio título pode ser um índice da falta de apreço para com a anciã: ela sequer tem seu nome destacado, e a chave inicial do conto acentua a carga de ironia: “A velha era felicíssima. Pois não é verdade que tinha uma boa vida e nada lhe faltava?” (Gersão, 2002, p. 73). O predicativo do sujeito empregado no grau superlativo para dizer o quão a velha era feliz assume, em nosso ponto de vista, ares de incongruência, sobretudo porque precede uma pergunta retórica, que ao mesmo tempo indaga e afirma. Essa é uma estratégia do narrador, que incita o leitor a tomar partido e ir adiante para saber se concorda ou não que uma senhora era felicíssima por dar demasiado valor a situações ordinárias e demonstrar afeto a seus objetos, tratá-los mesmo como seres da família, uma vez que os legítimos familiares não apareciam nunca. Se pactuar com a ideia de extrema felicidade, o leitor talvez deixe de perceber a crítica presente na narrativa, tendo em vista que a velha encontrava-se em um estado de solidão, em que para se divertir, por exemplo, fazia apostas consigo mesma e falava com suas chávenas, cortinas, com bules e relógios. Também em “As tardes de um viúvo aposentado” a solidão é mote para o senhor Matos recriar sua vida: após a morte da esposa, e estando já aposentado, ele cria maneiras de



passar seu tempo e sentir-se ainda útil. Curioso que, também nesta narrativa, a questão do fingimento vem à tona, pois a personagem fingia que estava sempre ocupada no escritório com seus negócios, sobretudo para enganar a empregada Leontina, mas na realidade trancava-se no local para reler jornais e dormir. Também partia para curtas viagens dizendo que estava a viajar a trabalho, quando as viagens eram pequenas aventuras às quais se destinava para escapar do cotidiano rotineiro, afinal, “Não era a mesma coisa, um velho sentado no jardim à espera da morte, ou um patrão ocupado, viajando em negócios de um lugar para o outro” (Gersão, 2013, p. 20). A avó de “Avó e neto contra vento e areia” punha-se imenso feliz por cuidar de seu neto especialmente porque, desse modo, sentia-se ainda requisitada, “ainda era suficientemente forte para ter alguém por quem olhar. Ainda era uma avó útil, antes que viesse o tempo que mais temia, em que poderia tornar-se um encargo para os outros” (Gersão, 2013, p. 71). As narrativas todas trazem-nos algumas das questões relacionadas à velhice, porém não são tomadas pelas lamentações: há a constatação dos problemas, mas há também a criação de maneiras para tentar superá-los, ou então atitudes que abrandem o convívio com eles, seja simulando a manutenção do trabalho depois da aposentadoria, seja fingindo ter uma doença para manter a mente no controle das situações e sentir-se dona de si, já que o corpo padecia. Formas de resistir para ainda existir enquanto ser social. De tudo isso, pela incursão em uma literatura que nos coloca frente ao universo do velho, fica-nos a sensação de estarmos mais humanizados, mais próximos (não no sentido temporal, mas espacial) de uma realidade que, infelizmente, não nos escapará, assim como também não nos escapará a morte.

Se, de acordo com *Passagens*, a vida é puro teatro, e portanto somos todos atores, então é quando adquirimos mais experiência e bagagem, ou seja, na idade mais madura, que somos colocados à margem. Antes de finalizar este trabalho, vale a pena comentar sobre o modo como a personagem Ana sai de cena, ou seja, como se encerra o episódio de seu funeral. No último capítulo do livro, há “um dos mais belos hinos à Mãe, texto tão realista como lírico”, conforme palavras de Miguel Real (s/d), algo como uma oração feita a Ana, uma celebração que se estende a todas as mães, “como se todas fossem uma só” (Gersão, 2014, p. 165), cujas trajetórias maternas iniciam-se com o “sim” à germinação de uma criança, abdicando de seus corpos flexíveis e perfeitos para ficarem inchadas e disformes, como se fosse uma “passagem” para um novo mundo. E as etapas da vida de mãe, conforme o crescimento dos filhos, são sempre novas passagens, novas dimensões que o texto vai assinalando com a intercalação das vozes das personagens presentes no funeral, demarcando novamente a interrupção dos turnos pela ausência de pontuação final, como uma fala que se sobrepõe a outra. Assim passamos pelos diversos momentos da vida de

uma mãe, até chegarmos à fase “em que começam a precisar de ajuda” (Gersão, 2014, p. 179), que é a fase em que se encontrava a personagem da narrativa. Há, neste passar de fases, o que podemos chamar de uma gradação da degradação, que culmina justamente no fim literal da existência material de Ana, que é também o final da narrativa, como se até a morte fosse uma atitude em prol dos filhos, tão sobrecarregados pelo peso que a idade impõe. Depois disso, as mães vão tornar-se “muito leves e continuar conosco, enquanto formos vivos, como uma vaga música de fundo ou como um perfume doce, muito antigo” (Gersão, 2014, p. 182), ou ainda como um livro, cheio de “passagens”, como ousamos acrescentar. Nos períodos finais desta sensível narrativa, a cremação, que marca a derradeira passagem, encerra também a grande reunião de vozes e trajetórias que se juntaram em um velório e compuseram a história. Assim as passagens são rematadas:

Marta

No momento final juntamo-nos à sua volta, trazendo flores e música de Bach, ouvindo-as [as mães] repetir o que disseram sempre, que este é um momento de serenidade e de alegria, que não estejamos tristes e fiquemos em paz e sem remorsos,

Joana

e fingirão não ver se não formos capazes de lhes obedecer e chorarmos,

Hugo

enquanto elas entram dentro do fogo e desaparecem, diante dos nossos olhos,

Marta

como se deslizassem suavemente para dentro do Sol. (Gersão, 2014, pp.182-183)

Encerram-se as vozes, as luzes do palco se apagam. Mas ainda resta o Sol, e acendem-se, então, as luzes da plateia, que somos nós, leitores. A composição de uma peça que nos coloca frente a uma questão vital inexorável e de cunho social urgente, como a velhice, continuará ecoando após o fechamento das cortinas, e do livro. O féretro se fecha, mas a obra permanece, como sempre, aberta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bosi, E. (1979). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- Fontes, M. (2006). O lugar da velhice na sociedade de consumo. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 1-12.
- Gersão, T (2013). *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*. Porto: Sextante.

Gersão, T (2002). *Histórias de ver e andar*. Lisboa: Dom Quixote.

Gersão, T (2014). *Passagens*. Porto: Sextante.

Real, M. (s/d). Cartografias da existência. Disponível em: <http://teolindagersao.com/algumabibliografiapara leitura/>.

Severino, I. (2005). Transfiguração da velhice no conto “A velha”, de Teolinda Gersão. In Ferreira, A. M. (Ed.), *A luz de Saturno – figuras da velhice* (pp. 77-81). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Souza, J. L. C. (2003). Asilo para idosos: o lugar da face rejeitada. *Belém*, 4, 77-86.

Teixeira, N. (2006). A Velhice é a prova de que o inferno existe: será assim (!?). Disponível em: [http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica\\_ver.asp?id=1116](http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=1116).

Vaz, M. (2012, 22 de Novembro). Tenho uma imensa curiosidade pela vida. *Focussocial – Revista de Economia Social*. Disponível em: <http://www.focussocial.eu/entrevista.php?id=74>.

## RESUMO

*Passagens* (2014) coloca-nos frente a uma questão ainda pouco abordada na literatura, e ainda menos na sociedade: a velhice, cujo universo causa repulsa por remeter a uma idade de perdas, dependências, enfermidades. Teolinda Gersão alia a este universo o teatro das ações cotidianas, que incide também na forma da narrativa.

## ABSTRACT

*Passagens* (2014) puts us before a subject that hasn't been exactly approached in literature, let alone in the society: the old age, whose universe causes repulsion because it refers to an age of losses, dependencies and illnesses. Teolinda Gersão allies this universe with the theater of daily actions that is also focused on the form of the narrative.